

SOBRE A CRÍTICA FILOSÓFICA DE ADORNO AO TÉDIO E O SEU REFERIDO CONCEITO EM LARS SVENDSEN

ABOUT ADORNO'S PHILOSOPHICAL CRITIQUE OF BOREDOM AND ITS REFERRED CONCEPT IN LARS SVENDSEN

*Felipe Resende da Silva*¹

Resumo: Este artigo está dividido em duas partes, cada qual contendo o seu objetivo distinto: na primeira parte, busca-se traçar um breve panorama sobre a atenção de Adorno em torno do problema do tédio na sociedade administrada. Na segunda parte, serão analisados alguns aspectos de seu conceito em Lars Svendsen (visto que Adorno não o desenvolveu analiticamente). Como veremos ao longo do desenvolvimento deste artigo, lançar os olhos sobre essa patologia social da modernidade significa realizar um diagnóstico do estado geral da cultura, onde o trabalho, o tempo livre e os objetos culturais se desviam do caminho emancipatório do homem. A perda do teor ético dessas três instâncias acarreta em um fenômeno de deformação crônica sobre os indivíduos, a negar-lhes principalmente um sentido para a própria existência e a capacidade de realizarem experiências (*Erfahrung*). Assim, a própria ideia de progresso é posta em xeque, na medida em que em uma sociedade portadora de todos os elementos necessários para a emancipação humana toma o caminho oposto a esta, desumanizando os indivíduos das mais variadas maneiras possíveis. O problema do tédio, assim, aponta para uma mal resolvida dialética do progresso, no sentido da auto-realização humana estar obstruída pelo processo de integração social.

Palavras-chave: Tédio moderno. Teoria crítica. Emancipação.

Abstract: This article is divided into two parts, each containing their distinct objectives: the first part aims to trace a brief overview of Adorno's attention on the problem of boredom in the administered society. In the second part, we will analyze some aspects of its concept with Lars Svendsen (since Adorno didn't develop it analytically). As we will see throughout the development of this article, to glance over this phenomenon means to diagnosis the general state of culture - where work, leisure and the cultural objects deviate from the path of the human emancipation. The loss of the ethical content of these three instances leads to a phenomenon of chronic strain on individuals, mainly denying them a meaning for their own existence and the ability to realize experiences (*Erfahrung*). Here, the idea of progress is in check, as a society porting all the necessary elements for the human emancipation takes the opposite direction to this, dehumanizing the individuals in various possible ways. Thus, Adorno, when worrying about the problem of boredom, points to an unresolved dialectic of progress in the sense of human self-realization is being obstructed by the process of social integration.

Keywords: Modern boredom. Critical theory. Emancipation.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília. E-mail: s_frs@marilia.unesp.br

1. Adorno e o problema do tédio

“Eu não sou eu nem sou o outro, Sou qualquer coisa de intermédio: Pilar da ponte de tédio . Que vai de mim para o Outro” (Mario de Sá Carneiro)

Ao longo dos últimos três séculos, a preocupação em torno do tédio como um problema central da vida moderna se tornou notável, a tal ponto de ter ocupado não só o pensamento de indivíduos provenientes da filosofia, mas também da sociologia, psicologia, psicanálise, literatura e até mesmo da saúde². Frente a essa crescente demanda de interesse em torno desse assunto, convém especularmos acerca de algumas possíveis interpretações a respeito dele. Uns talvez diriam do tédio ser uma neurose comum que praticamente todo sujeito há de experimentar um dia, e, que no fim das contas, é algo a ser aceito como aspecto incontornável da vida moderna, de maneira que é necessário lidarmos com ele do modo mais “saudável” possível para não termos problemas em demasia e, com isso, acabarmos como pessoas infelizes. Outros, seguindo um raciocínio similar, afirmariam que ele é a condição inevitável da existência e que, por causa disso, seria impossível alcançar a felicidade plena mediante o seu tormento diário, existindo somente breves momentos de “alívio” por meio de atividades capazes de espantá-lo. Poderíamos citar vários exemplos admissíveis, e, possivelmente, grande parte iria harmonizar com a seguinte palavra: resignação ou cegueira. A revolta contra o tédio “em si” falha em ultrapassar a imanência presente no interior de sua fronteira, visto que, ao tomá-lo como um fenômeno auto-suficiente, os fatores subjacentes à sua manifestação - os dados da realidade - são ignorados. Em consequência, estes escapam à merecida crítica: os olhos, quando se abrem honestamente para a questão, veem que se trata não de algo simplesmente corriqueiro, mas sim concernente a determinadas condições objetivas³ a que os homens se submetem em uma certa realidade histórico-social. A forma de tédio tratada aqui é a que se manifesta no interior da sociedade capitalista moderna, na qual o processo de desencantamento do mundo danificou profundamente as formas tradicionais responsáveis pela doação de sentido à existência humana. Aí, prender-se ao simples “Por que é assim?” do problema significa aceitar tacitamente a predominância ideológica de uma falsa totalidade da sociedade. A

² Cite-se alguns: Martin Heidegger; Arthur Schopenhauer; Fernando Pessoa; Goethe; Gustave Flaubert; Adam Phillips; Kierkegaard; Samuel Beckett, Patricia Meyer Spacks; Bret Easton Ellis.

³ Essas condições objetivas devem ser entendidas como suficientes, mas não necessárias, para que o sujeito venha a se entediar.

pergunta posterior a essa, que certamente seria a de Theodor W. Adorno, não pode ser sufocada: “Mas isso realmente *precisa* ser assim?”.

Aos poucos, o filósofo frankfurtiano foi tomando consciência do paradigma do tédio no mundo ocidental. Embora não o tenha abordado de modo tão aparente em sua juventude, nos últimos trinta anos de sua vida essa preocupação persiste até em um de seus últimos ensaios - o ensaio “Tempo livre” (1969). A semente teórica desse ensaio pode ser encontrada em alguns aforismos de *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada* (1951), no qual ele aborda, por exemplo, questões referentes ao problema do “tempo livre” e o tédio nele presente; a tediosa superfluidade da burguesia semiculta nas *cocktail party*⁴ realizados nos finais de semana; a relação entre tédio, fuga de si e “indústria cultural”. Posteriormente ao livro *Minima Moralia*, ainda antes de “Tempo Livre”, produziu o ensaio “Tentando entender fim de partida” (1958), no qual, ao analisar a obra *Fim de partida* (1957), de Samuel Beckett, esquadrinhou o arquétipo de uma vida danificada cujo grande tormento é a constante aflição do tédio. Na década de quarenta, antes desses escritos, pode-se notar os primeiros sinais (ainda bem discretos) do problema na *Dialética do Esclarecimento* (1944) e em “Sobre música popular” (1941), onde Adorno acena de modo breve para a tensão existencial da vida moderna e o tédio no período de lazer.

Mas o que se esconderia de mais urgente nessa contínua tomada de consciência da necessidade de uma crítica ao tédio? Na dinâmica desse sutil fenômeno da barbárie jaz a própria crise emancipatória humana através de uma mal resolvida dialética do progresso, na qual uma espécie de estado de encantamento oriundo do processo de integração social obstrui a auto-realização humana. Quando, na *Dialética do esclarecimento* (1944), Adorno e Horkheimer atestam que “as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.35)⁵, através da predominância do valor de equivalência e do espírito do fetichismo como principais elementos mediadores dos processos socioculturais, estão postas as condições objetivas nas quais a cultura (*Bildung*), o trabalho e o “tempo livre” são desagregados do universo ético no qual o sujeito deveria formar-se plenamente para ser alguém emancipado. A cultura é convertida em semicultura (*Halbbildung*), o trabalho em ferramenta de definhamento

⁴ Tradução: Coquetel.

⁵ ADORNO E HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*; tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

psíquico e corporal, o “tempo livre” em uma paródia de si próprio. A liberdade, negada *a priori* pela estrutura da sociedade capitalista tardia, transforma-se em ideologia de si própria mediante o princípio de autoconservação inerente a esta própria sociedade, onde qualquer traço de espontaneidade é interpretado como algo desviante dos “comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.35) dentro de seu âmbito. Ao expurgo anímico das coisas segue a hipóstase do caráter funcional do espírito (*Geist*) como instrumento administrador da vida em estado estacionário, na qual o poder do tédio ecoa do trabalho alienado ao fascínio histórico pelos efeitos pirotécnicos no show do novo cantor lançado pela “indústria cultural”. Nesse quadro, torna-se compreensível o seguinte posicionamento de Adorno sobre o problema:

O tédio existe em função da vida sob a coação do trabalho e sob a rigorosa divisão do trabalho. Não teria que existir. Sempre que a conduta [...] é verdadeiramente autônoma, determinada pelas próprias pessoas enquanto seres livres, é difícil que se instale o tédio; tampouco ali onde elas perseguem seu anseio de felicidade, ou onde sua atividade [...] é racional em si mesma, como algo em si pleno de sentido. O próprio bobear não precisa ser obtuso, podendo ser beatificamente desfrutado como dispensa dos autocontroles. [...] Tédio é [...] a expressão de deformações que a constituição global da sociedade produz nas pessoas. A mais importante, sem dúvida, é a detração da fantasia e seu atrofiamento. [...] Quem quiser adaptar-se, deve renunciar cada vez mais à fantasia (ADORNO, 1995, p.76)⁶.

A semicultura deforma, o trabalho insatisfatório e dividido de modo rigoroso deforma, o “tempo livre” corrompido deforma: o sujeito transita constantemente entre várias instâncias deformadoras, desumanizantes, nas quais a sua existência paulatinamente se torna parca, insípida. O mal-estar experimentado de maneira constante é o sentimento de não pertencer a lugar algum, de ter o horizonte perante si próprio obnubilado por uma espécie de nevoeiro cinza, cuja densidade paralisa a nossa vontade e o acesso às coisas mesmas. A experiência do mundo é tornada abstrata, e assim também a própria existência adquire um caráter abstrato, representado pela sensação de se ter vivido muito pouco em vários anos de vida. A amplitude do

⁶ ADORNO, Theodor. “Tempo Livre”; tradução de Maria Helena Ruschel. In: *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis, RJ: Vozes: 1995.

fenômeno do tédio sobre a sociedade não pode deixar dúvida que nós estamos imersos em uma cultura contaminada por ele.⁷

Nas partes que se seguem, buscaremos desdobrar uma pequena parcela desse quadro aqui traçado: tentaremos refletir em torno do conceito de tédio.

2. Sobre o conceito de tédio

Para isso, uma ajuda complementar é necessária, visto que Adorno não o abordou de maneira analítica, mas por meio de metáforas ou exposição de um quadro situacional para ilustrá-lo (ou sugeri-lo). Mediante esse dilema, valer-nos-emos de *Filosofia do tédio* (1999), do filósofo norueguês Lars Svendsen, para proporcionar uma abordagem complementar do referido conceito. Pretende-se aqui, com a devida reflexão da ideia de tédio, traçar um preâmbulo que funcione como uma espécie de “heurística” para quem deseje um aprofundamento no problema. Não é dever deste artigo, assim, esgotar os horizontes interpretativos desse conceito.

A fim de facilitar o entendimento, vamos dividir em quatro os termos constituintes da trama conceitual do tédio: falta de significado; imanência absoluta (ou pura imanência); carência de experiências (*Erfahrung*) e sentimento de impotência para objetivar a própria vontade no mundo (não-liberdade, coação exterior). A separação executada é apenas de ordem metodológica, porque não há como dizer deles operarem separadamente um do outro. O fenômeno do tédio é complexo demais para ser enquadrado em uma ordem estática ou bem definida: há tanto o trânsito inadvertido entre esses termos situacionais quanto uma interpenetração entre eles. Às vezes, também, em um estado mais profundo de tédio, Svendsen⁸ afirma que nem mesmo se

⁷ Há intelectuais, inclusive, como Yves de La Taille (LA TAILLE, Yves de. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009), que chegam ao ponto de dizer que não é o caso da cultura estar contaminada pelo tédio, mas de nós vivermos em uma cultura do tédio; e isso com base em dois fatores apontados por ele: o alto índice de depressão e suicídios. Não somente Yves, como também o filósofo Lars Svendsen (SVENDSEN, Lars. *Filosofia do tédio*; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2006), chegam a afirmar que há uma forte relação entre o tédio e esses dois males sociais, a tal ponto de até se considerar casos em que há uma superposição entre eles. Svendsen, inclusive, na introdução do referido livro, afirma ter perdido um amigo que se suicidou por não suportar mais o tédio em sua vida.

⁸ “O que caracteriza uma questão filosófica, portanto, é alguma espécie de desorientação. Não é isso também típico do tédio profundo, em que não somos mais capazes de nos situar no mundo porque nossa própria relação com ele foi praticamente perdida?” (SVENDSEN, 2006, p.19-20).

sabe da causa de se estar assim, onde resta somente a desorientação total em localizar-se no mundo.

Pois bem, prossigamos.

3. Tédio e falta de significado

Como fala Svendsen:

[...] o tédio pressupõe subjetividade, isto é, consciência de si. A subjetividade é uma condição necessária mas não suficiente para o tédio. Para ser capaz de se entediar, o sujeito deve ser capaz de se perceber como um indivíduo apto a se inserir em vários contextos de significado, e esse sujeito reclama significado do mundo e de si mesmo (SVENDSEN, 2006, p.34).

O homem necessita de um algum tipo de conteúdo em sua vida, porque é devido a este que o significado surge em sua consciência. A experiência do tédio avisa sobre um desconforto que reclama de uma carência de sentido, e, sob essa carência, o indivíduo tem seu mundo abruptamente roubado, de modo que o “eu” e as coisas ao seu redor se diluem num todo idêntico. A falta de significado, assim, entedia e desumaniza, já que reduz tudo a uma espécie de estado pré-coisal⁹, onde nenhum objeto parece ter substância e palpabilidade suficiente para destoar-se do outro – incluindo aí o próprio ser humano. Sob essa falta de sentido, o sintoma imperante não é a consciência de não querer fazer nada, mas o sentimento de que nada vale a pena ser feito: experimentamos “uma espécie de antecipação pálida da morte”, onde “poderíamos imaginar que a morte real violenta seria preferível, que gostaríamos mais que o mundo acabasse com uma explosão” (SVENDSEN, 2006, p.42) frente à ameaça dele se extinguir através de um tênue suspiro. Essa pálida antecipação do morrer pode ser sentida através de um encurtamento da consciência do tempo vital subjetivo, quando os anos de vida não parecem mais do que alguns dias vividos, onde, proporcionalmente a esse encurtamento, cresce o temor da iminência da morte física¹⁰.

⁹ Utilizo “pré-coisal” como sinônimo de “desprovido de qualidade”.

¹⁰ Essa afirmação Svendsen (2006, p.58) retira de Adorno. Segue em grifo a parte utilizada pelo autor e um adicional posto por mim: *Quanto menos intensamente os sujeitos vivem, tanto mais repentina e apavorante é a morte.* [...] A afirmação de que a morte é sempre a mesma é tão abstrata quanto não-verdadeira; a forma com a qual a consciência se acomoda à morte varia juntamente com as condições

Mas por qual causa essa demanda de significado não estaria sendo cumprida, quando, na realidade, precisa ser satisfeita? Uma sociedade que funcione bem deve ser capaz de auxiliar o ser humano a encontrar significado no mundo, ao passo que uma que funcione mal se mostra como incompetente para isso.

Se o tédio aumenta, isso significa que há uma falha grave na sociedade ou na cultura como transmissores de significado. É preciso compreender o significado como um todo. Somos socializados dentro de um significado global [...] que dá sentido aos elementos individuais de nossas vidas. Outra expressão para designar isso é “cultura”. Se o tédio aumenta, é presumivelmente porque o significado global desapareceu. Naturalmente há uma relação mútua entre o significado global e os subsignificados, isto é, entre cultura [...] e produtos culturais – e podemos também nos perguntar em que medida as coisas ainda são portadoras de cultura. [...] Não podemos, com base em dados “concretos”, decidir se o tédio está diminuindo, aumentado ou está estável na população. Mas será que a extensão da indústria do entretenimento e o consumo de tóxicos, por exemplo, não seriam claros indícios da prevalência do tédio? (SVENDSEN, 2006, p.23-24).

Na atual sociedade de massas, pode-se observar que o tédio se espalhou de maneira vertiginosa principalmente em virtude do número crescente de “placebos sociais”, ou, em outras palavras, substitutos de significado: quanto mais substitutos de significado são criados, mais deve haver significado a ser substituído. Quando Svendsen *presume* que o significado global desapareceu, é claro que se trata apenas de uma hipótese extrema de sua parte, pois depois de algumas páginas ele irá afirmar que “continua havendo significado, é claro, mas parece haver menos” (SVENDSEN, 2006, p.32). Cabe ressaltar que a qualidade do significado acentuada pelo filósofo não é a que atende a um sentido amplo de seu uso, pois se assim o fosse, não haveria a falta de significado, mas superabundância, visto que estamos imersos em uma sociedade que a todo momento produz informação. O significado referido pelo pensador é o que “está ligado à relação que uma pessoa motivada mantém com o mundo” (SVENDSEN, 2006, p.31), capaz de orientar o seu agir nele. Esse significado pode ser concebido como já existente e que podemos nos inserir (como numa comunidade religiosa) ou que precisa ser criado (como uma nova religião); e também é concebido como algo coletivo ou algo

concretas em que alguém morre (ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*; tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 307).

individual, dependendo do contexto de significado com o qual nos relacionamos. Quando esse significado se mostra escasso para satisfazer a existência humana,

[...] todas as espécies de diversão têm de criar um significado substituto, artificial. Outra solução é o culto às celebridades, em que ficamos completamente envolvidos na vida dos outros, porque a nossa própria carece de significado. Será que nossa fascinação pelo estranho, alimentada diariamente pelos meios de comunicação de massa, não é resultado de nossa percepção do entediante? A corrida desordenada às diversões, ao lazer, indica precisamente o medo do vazio que nos cerca (SVENDSEN, 2006, p.28).

Aí, é necessário entender que Svendsen está focado em um âmbito onde a diversão está dominada pelos aparatos de controle da “indústria cultural”. Como já foi mostrado, Adorno (1995) diz que a diversão livre desses mecanismos de controle - o lúdico por si - é capaz de trazer satisfação ao indivíduo. A pergunta que poderíamos entrepor aí é: “A que ponto o lúdico chegou, visto que o seu principal substrato, a imaginação, é cada vez mais detratada na sociedade secular?”. O desespero que grande parte das pessoas apresenta para passar o tempo talvez seja o principal exemplo de a quantas ainda podem criar algo por si próprias. Quando incapazes de fazê-lo de modo autônomo, presas em um tempo vazio, um paradoxo surge: o que se busca recuperar - o significado - é de antemão condenado à irrecuperabilidade. Na ânsia de resgatar o significado perdido, uma espécie de cegueira invade o espírito do sujeito, de maneira que, ao invés de ele atacar a causa, acaba atacando os sintomas; antes de tentar entender os motivos que o inseriram em tal estado, ele urge pelo consumo de “placebos sociais”. A atividade vazia é socialmente integrada, dado o fracasso de uma transcendência ante a lógica imanente do tédio.

4. Imanência e impotência

Estar submetido à pura imanência acarreta em tédio: “Muito tédio deriva da repetição” (SVENDSEN, 2006, p.43). Ele é a imanência em seu estado absoluto, o total predomínio da falta de variedade no fluxo da vida. Atividades ou acontecimentos

exaustivamente repetitivos entediam facilmente¹¹, ao passo de tudo soar monótono demais. Uma existência cercada por monotonia exige alguma forma de novidade ou variedade, em vista de não se suportar por muito tempo um tempo dominado pelo tédio, pois “o tempo no tédio não é fruto de uma conquista: é aprisionamento. [...] Tornamos grandes consumidores de coisas novas e pessoas novas para quebrar a monotonia da mesmice” (SVENDSEN, 2006, p.43; p.53). Na sociedade administrada, no entanto, grande parte do que é novo (*Neuen*) assume o caráter da supremacia da forma sobre o conteúdo pela negação abstrata do que costuma ser o “sempre-igual” (*Immergleichheit*). Como mostra Adorno, o novo, ao ser fetichizado, “quase sempre se choca [...] com a discrepância entre meios novos e fins antigos” (ADORNO, 2008b, p.35)¹², de maneira que, mesmo que qualquer possibilidade de inovação esteja esgotada, continua-se “mecanicamente numa linha que se repete” *ad infinitum*.

O novo procurado por si próprio, em certa medida produzido em laboratório e enrijecido em esquema conceitual converte-se, na aparição súbita, em compulsivo retorno do antigo, assemelhado às neuroses traumáticas (ADORNO, 2008a, p.234).¹³

Sob essa dinâmica, o próprio novo se converte no “sempre-igual”, e assim “se transforma rapidamente em rotina, e, então, também o novo entedia, pois é sempre o mesmo; entedia quando se descobre que tudo é intoleravelmente idêntico” (SVENDSEN, 2006, p.48). Uma das mais claras amostras dessa fetichização do novo pode ser encontrada no fenômeno da moda – antítese da continuidade e estabilidade das coisas -, na qual o ritmo de criação e descarte de objetos cresce de maneira assustadora. O que está na moda não necessariamente precisa ter alguma qualidade, mas somente ser novo; a qualidade (ou identidade) do objeto permanece como um elemento secundário. Na preponderância dessa falta de identidade, “tudo se torna intercambiável e, em termos de valor, não-diferente, preferências genuínas tornam-se impossíveis, e terminamos em total aleatoriedade, ou em total paralisia da ação” (SVENDSEN, 2006, p.49). Nesse

¹¹ Svendsen relata: “Fico muitas vezes entediado, por exemplo, quando vou a museus e galerias e só encontro pálidas imitações de obras que já vi muitas vezes. Entedio-me quando ouço um conferencista pela quarta vez, e entedio-me quando *eu* dou uma conferência pela quarta vez” (SVENDSEN, 2006, p.43. Grifo do autor).

¹² ADORNO, Theodor. *Teoria estética*; tradução de Arthur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008b.

¹³ ADORNO, Theodor. *Minina Moralia: Reflexões a partir da vida lesada*; tradução de Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008a.

estado, por meio de racionalizações, buscamos a liberdade ante o tormento da indecisão: um rótulo, a fama, o formato, a cor.

Torna-se possível entender, por conseguinte, a crítica de Adorno à ditadura do “sempre-igual”:

Se as pessoas pudessem decidir sobre si mesmas e sobre suas vidas, se não estivessem encerradas no sempre-igual, então não se entediariam. Tédio é o reflexo do cinza objetivo. Ocorre com ele algo semelhante ao que se dá com a apatia política. A razão mais importante para esta última é o sentimento, de nenhum modo injustificado das massas, de que, com a margem de participação na política que lhes é reservada pela sociedade, pouco podem mudar em sua existência, bem como, talvez, em todos os sistemas da terra atualmente. O nexó entre a política e os seus próprios interesses lhes é opaco, por isso recuam diante da atividade política. [...] Em íntima relação com o tédio está o sentimento, justificado ou neurótico, de impotência: tédio é o desespero objetivo (ADORNO, 1995, p.76).

Da frustração em não se conseguir quebrar a aparente imutabilidade das coisas advém o tédio mediante a incapacidade de operar sobre o mundo. Esse “desespero objetivo” vem à tona “quando não podemos fazer o que queremos, ou temos de fazer o que não queremos” (SVENDSEN, 2006, p.20). Tédio e heteronomia possuem laços fortes entre si, a tal ponto de ser possível dizer que quanto mais emancipada uma sociedade é, menos o tédio nela se manifesta, visto que uma sociedade emancipada presume a existência do espontâneo em seu processo metabólico. Onde a espontaneidade é fortemente reprimida, o “cinza objetivo” instala seu domínio: seu reflexo é a falta de matiz entre os acontecimentos e os objetos, os inúmeros eventos previsíveis no mundo que habitamos, a angústia da resignação forçada. Aí, a apatia socializada não é mera idiosincrasia, mas consequência histórico-social das configurações político-econômicas a que as pessoas estão submetidas no mundo moderno¹⁴. Quando nada vale a pena ser admirado e muita pouca coisa estimula a

¹⁴ Isso se torna ainda mais claro na seguinte citação “Olhando para trás, para a longa maturação do mundo moderno, podemos efetivamente ver o tédio coletivo institucionalizado dentro da prática da vida cotidiana - e, pior, institucionalizado em contraponto existencial ao *ethos* modernista da participação significativa de cada cidadão na construção da vida cotidiana. O divórcio de Frederick Taylor entre trabalho mental e trabalho manual no interesse de construir a perfeitamente previsível 'máquina humana' (Southwest, 1915: 19); o ataque de Henry Ford ao "movimento desperdiçado" (em Braverman, 1974: 310N) por meio do ponto fixo na linha de montagem; a burocracia moderna, "eliminando dos negócios o amor, o ódio, e todos os elementos puramente pessoais, irracionais e emocionais que escapam de cálculo das tarefas oficiais" (Weber, 1946: 216) - cada uma traça a mesma trajetória de embotamento. Seguindo e reforçando essa trajetória, as escolas públicas emergem como centros de formação para o novo tédio, salas de provas

atenção, não resta muita coisa senão se entediar com as coisas e consigo próprio, a esperar que algo aconteça e nos desloque desse marasmo alienante: a afirmação de Adorno, que diz que “no Terceiro Reich o susto abstrato de notícia e do rumor era apreciado como o único estímulo que chegava a incandescer a enfraquecida sensibilidade das massas” (ADORNO, 2008a, p.234-235) talvez não seja mero exagero, mas uma possível tipificação dessa apatia burguesa alicerçada por um tédio coletivizado.

5. Tédio e a crise da experiência

As considerações feitas até agora nos levam ao último elemento desta parte, que trata da dificuldade do homem moderno em realizar experiências no mundo. São dois os termos em jogo nessa temática, e ambos possuem enorme importância na filosofia de Adorno e Walter Benjamin; no entanto, não cabe aqui nos aprofundarmos em torno desses conceitos, visto exigir a exposição de ideias adicionais que deslocariam o foco deste artigo. Basta, aqui, a explicação de Newton Ramos de Oliveira a respeito dos referidos conceitos:

Erlebnis liga-se etimologicamente ao radical *leb-*, que aparece nos termos relacionados a *Leben*, que em Português corresponde a *vida*. *Erfahrung*, por sua vez, remonta ao radical *Fahr-*, em cuja família se inclui o verbo *fahren*, que em nosso idioma se traduz como *conduzir*. Esses dois radicais, ao receberem o afixo *er-*, modificam sua idéia básica: *erleben é viver, presenciar, sofrer*, ao passo que *erfahren é chegar a, saber, tornar-se perito em algum setor*. Estão, portanto, traçadas as fronteiras entre duas modalidades de viver: uma de quem passa pela vida como um espectador, alguém que reage a estímulos; outra de quem vive, alguém que exerce certo grau de reação consciente, pensada, refletida. Tem *Erfahrung* quem é capaz de extrair da vida uma experiência, uma compreensão; trata-se de alguém capaz de sentir e de expressar a si mesmo essa vivência; de alguém que extrai da experiência pessoal seu sumo à luz do legado cultural, que o enriquece e a que ele enriquece. *Erfahrung* modifica, altera, ensina. *Erlebnis* apenas acrescenta passagem do tempo. *Erfahrung* relaciona, também, a possibilidade de rememoração, de vínculos coletivos estruturadores da própria individualidade. *Erlebnis vs. Erfahrung* – eis aí delineadas a vida como objeto e a vida como sujeito, a vida como reflexo e a vida como reflexão, a vida que se dissipa e a vida que se

para a sublimação da individualidade à eficiência disciplinada; e para aqueles insuficientemente socializados para a nova ordem, o hospital psiquiátrico, a prisão e o centro de detenção juvenil oferecem instituições inteiras dedicadas à aplicação do tédio” (FERREL, Jeff. “Boredom, crime and criminology”. *Theoretical Criminology*. 2004, Vol. 8 (3): 287–302, p. 291. Tradução nossa).

vive de fato, em extensão e profundidade (OLIVEIRA, 1997, p.31-32. Grifos do autor) ¹⁵.

Em determinada parte de *Filosofia do tédio* (1999), ao abordar sobre o problema da experiência, Svendsen (2006) mostra que tanto um excesso quanto um déficit de experiências causam o tédio, assim como também uma falta de experiência acumulada; contudo, é necessário dizer que o filósofo norueguês joga com esses dois conceitos diferentes de experiência na primeira afirmação¹⁶. Um excesso de experiência produtora de tédio tem como ponto gravitacional a *Erlebnis*, ao passo que uma carência de experiências ou falta de experiência acumulada remete à *Erfahrung*. Aqui, estamos diante de uma dialética da experiência decisiva para o destino dos indivíduos: uma vida emancipada ou uma vida destinada à passividade heterônoma. O filósofo escandinavo não atenta para essa diferença fundamental, mas chega a manifestar certa intuição sobre o problema quando acena para o desespero de se superar o tédio mediante o acúmulo inescrupuloso de sensações e impressões cada vez mais novas e intensas, sem que com isso haja tempo para a devida sedimentação da experiência. É como se fosse possível para o “eu” adquirir uma substancialidade, sem tédio, através do consumo contínuo de estímulos, jogando-se sobre tudo o que é novo na expectativa de ele possuir uma função individualizante e de insuflar na vida algum significado.

É óbvio que aí se dá a prevalência da *Erlebnis* como mediadora do fenômeno experiencial subjetivo-objetivo, disso não pode haver dúvida. Para o filósofo norueguês, isso soa como um “beco sem saída”, algo intransponível, não sendo possível existir um salto qualitativo para outra ordem mais humana. No caso de Adorno, essa circunstância reflete um exemplo do lado falseado da experiência verdadeira, onde a ideia do novo encontra-se corrompida pelo processo de integração econômico-social do período moderno. Acompanhemos:

No culto do novo [...] dá-se a rebeldia contra nada mais haver de novo. A monotonia dos bens produzidos maquinalmente, a rede da integração na sociedade que captura e assimila tanto o objeto como a

¹⁵OLIVEIRA, Newton R. “Reflexões sobre a educação danificada”. In: Zuin, AntonioA.Souares; Pucci, Bruno; Oliveira, Newton R.A *educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

¹⁶ No idioma norueguês, o equivalente de *Erfahrung* é *erfaring*, e o de *Erlebnis* é *opplevelse*. Em uma sequência de correspondências eletrônicas com Lars, diz ele: “I’ve looked it up now, and my guess was right: I make a distinction between “opplevelse” (Erlebnis) and “erfaring” (Erfahrung)”. SVENDSEN, Lars. Re: Hi, professor Svendsen. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por s_frs@marilia.unesp.br em 20 de fevereiro de 2012.

sua mirada, transforma tudo o que encontra em algo que sempre esteve aí. [...] Com relação à “proto-história da modernidade”, poderia trazer ensinamento a análise da mudança de significado da palavra *sensation*, o sinônimo exotérico para o *nouveau* de Baudelaire.[...] Em Locke, designava a percepção simples, imediata, em contraste com a reflexão. Disso derivou mais tarde o grande desconhecido e finalmente o excitante em grande escala, o destrutivamente extasiante, o choque como bem de consumo. A simples possibilidade de perceber algo independente da qualidade substitui a felicidade, porque a quantificação onipotente sonou a possibilidade mesma de percepção. No lugar da relação plena da experiência (*Erfahrung*) com a coisa entrou um isolado meramente subjetivo e ao mesmo tempo físico, o sentimento, que se esgota no registro do manômetro (ADORNO, 2008b, p.233).

Essa crítica aparentemente restringida ao campo estético ressoa mais adiante do que se vê: o deslocamento do modelo experiencial humano rechaçou a própria consciência e o sentido da verdadeira experiência vivida: à sucessão da *Erfahrung* opera o esquecimento de si própria, onde a *Erlebnis* compulsoriamente aparece como a promessa de “redenção” da existência como um todo. O resultado desse fenômeno social tem sua amostra no adendo de “Sobre a teoria dos fantasmas”, na *Dialética do esclarecimento* (1944), onde Adorno e Horkheimer (1985) dizem que a *Erfahrung* adoeceu, sendo, conseqüentemente, quase possível dizer que o conceito da vida humana, entendido como unidade da história do indivíduo, definiu. A existência passa a ser marcada pela sua antítese (a aniquilação) e pela falta de coerência, onde “toda continuidade da lembrança consciente e da memória involuntária” perdeu o sentido. A vida subjetiva foi reduzida a eventos desconexos entre si, a uma sucessão de momentos fragmentados desprovidos de vestígios: o que alguém foi ou experimentou no passado é diluído pelo que se é agora, por aquilo que agora se tem e eventualmente por aquilo que pode ser utilizado imediatamente para caracterizar o próprio ser.

A esse estado da vida em via de desintegração, não é surpresa o tédio estar presente entre nós. O desespero com que os homens buscam escapar desse martírio ilustra o próprio regime heteronômico em que se encontram sob o regime da *Erlebnis*. A vida como objeto tem a sua sutileza:

Os homens não são livres porque são escravos do exterior e eles mesmos também são, por sua vez, isso que lhes é exterior. [...] Para o sujeito que age de maneira ingênua e que se coloca contra o mundo circundante, o seu próprio condicionamento é impenetrável. Para dominá-lo, a consciência precisa torná-lo transparente. [...] A consciência [...] é instruída sobre o momento de sua não-liberdade

senão em estados patogênicos como as neuroses compulsivas. O sofrimento característico das neuroses compulsivas [...] tem o aspecto de que elas destróem a imagem cômoda de ser livre no interior e não livre no exterior, sem que se abra para o sujeito em seu estado patológico a verdade, que esse estado lhe comunica e que ele não pode conciliar nem com sua pulsão, nem com seu interesse racional. Todo conteúdo veritativo das neuroses está no fato de elas demonstrarem ao eu em si a sua não-liberdade com base no que é estranho ao eu, com base no sentimento “mas este não sou eu” [...]. [...] É somente na medida em que alguém enquanto um eu não age de maneira meramente reativa que o seu agir pode chegar a ser denominado livre (ADORNO, 2009, p.185-188).

O tédio do qual o homem foge reflete a própria fuga de si mesmo, a fuga pela excitação barata que impiedosamente ratifica a permanência de seu sofrimento em uma existência sem sentido. A tentativa de transcendê-lo recai em desgraça mediante a reiteração da *Erlebnis* devido à incapacidade da consciência, ao ser alertada de um estado adverso à liberdade pela experiência do tédio, de não tornar-se consciente do ciclo que ela própria nutre. A reação compulsiva contra o tédio, na qual a vontade própria do “eu” é vaporizada, mostra-se como a promessa de sua continuidade: ela é análoga ao prisioneiro que reage através de seus gritos à tortura de seus captores, cujo prazer consiste exatamente em escutá-los. O preocupar-se em consumir um tempo subjetivamente longo, invadido pelo vazio, desvela a certeza da supremacia das forças do todo sobre a impotência da alma subjetiva. A esta, resta-lhe a experiência abstrata em um tempo abstraído de sua plenitude concreta, onde o mundo e a vida murcham, e o rastro histórico de tudo o que é humano se desfaz diante de seus olhos.

Martin Jay, no final de um artigo chamado “Is experience still in crisis? Reflections on a Frankfurt lament”¹⁷, afirma que a realização da *Erfahrung* é uma abertura ao inesperado, repleta de “perigos” e “obstáculos”, que atenta para a alteridade das coisas e para o surgimento do *Neuen* para aqueles que, apesar dos pesares, se arriscam na empreitada. Sob essa assertiva, ele diz que pode ser prematuro o constatar frankfurtiano da falência da experiência no mundo administrado: somente quando a própria crise experiencial acabar, e uma “calma mortal” se assentar sobre essa perigosa empreitada, é que a *Erfahrung* não mais será uma possibilidade humana. Se a crise da experiência acabou ou não, não há como saber acuradamente; se essa calma está restrita

¹⁷JAY, Martin. "Is Experience Still in Crisis? Reflections on a Frankfurt School Lament". *The Cambridge Companion to Adorno*. Ed. Tom Huhn. Cambridge University Press, 2004. Cambridge Collections Online. Cambridge University Press. 22 February 2012 DOI:10.1017/CCOL0521772893.006.

só ao seu fim, também é algo para discussão – mas, independente da resposta, não estaria essa “calma mortal” já entre nós?

REFERÊNCIAS

- ADORNO, W. T. *Dialética negativa*; tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. *Minina Moralia: Reflexões a partir da vida lesada*; tradução de Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008a.
- _____. *Palavras e sinais, modelos críticos 2*; tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- _____. *Teoria estética*; tradução de Arthur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008b.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*; tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio do Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- JAY, M. "Is Experience Still in Crisis? Reflections on a Frankfurt School Lament". *The Cambridge Companion to Adorno*. Ed. Tom Huhn. Cambridge University Press, 2004. Cambridge Collections Online. Cambridge University Press. 22 February 2012 DOI: 10.1017/CCOL0521772893.006.
- FERREL, J. "Boredom, crime and criminology". *Theoretical Criminology*. 2004, Vol. 8 (3): 287–302.
- LA TAILLE, Y. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- OLIVEIRA, N. R. "Reflexões sobre a educação danificada". In: Zuin, Antonio A. Soares; Pucci, Bruno; Oliveira, Newton R. *A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.
- SVENDSEN, L. *Filosofia do tédio*; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- _____. Mensagem pessoal. 20 de fevereiro de 2012.